

TRIBUNA LIVRE

SEMANARIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - A MARES

13
ABRIL
1963

O Lar, a Escola Primária e a Higiene

A mãe e o professor primário são realmente duas prodigiosas forças que a sociedade tem todo o interesse em conquistar, pois se o hábito é tão forte que até chega a sobrepor-se à natureza, resulta que o lar e a escola são dois grandes caminhos onde se molda a tenra consciência da criança, isto é, o guia moral do futuro cidadão, a da família, os dois mais sólidos alicerces da Pátria.

E como a lição do exemplo, embora até simplicíssima, vale muito mais que a tirada rectórica, sem o apoio convincente da prática, comprehende-se, evidentemente, que é na realidade do cenário da vida de todos os dias que a criança deve ser educada pela grande força criadora do exemplo dos que assistem aos seus primeiros dias — a Mãe, o Pai e o Professor Primário.

Predicar higiene aos filhos e ter a casa a necessitar de vassoura e a roupa e o corpo a clamarem por sabão, é certamente muito menos eficaz do que, embora sem discursos, dar-lhes o exemplo prático da higiene que começa pelo próprio predicator. E isto, por-

que a criança é sobretudo impressionada pelo que vê fazer e é ainda por isso que os filhos são quase sempre o reflexo dos pais e professores.

Um pai violento dificilmente conseguirá que os seus descendentes sejam sensatos e compreensivos. E quanto ao professor compete-lhe também ensinar amorosamente, que é a melhor forma de tratar com as crianças de tenra idade, como aconselham os grandes pedagogos, entre os quais o nosso bom e sempre venerado João de Deus.

E se se reconhece que é útil arejar as habitações, lavar frequentemente as roupas e o corpo, mastigar demoradamente os alimentos, respeitar os velhos e os doentes, amparar os pobres e não maltratar os animais mais vale agir nesse sentido, ainda que porventura nem sequer se fale na necessidade de o fazer, visto que o que perdura é o exemplo e a criança, na verdade, é um magnífico imitador.

De resto, porque é que há garotos desmazelados cuja linguagem é de baixo quilate, que não têm pejo em maltratar as aves ou outros animais,

que andam descalços, escaram no chão, fumam e cometem mil tropelias por essas aldeias e cidades? Teriam nascido para isso? Não poderiam ser meninos bem comportados? Não se tratava, na verdade, de pobres inocentes, vítimas dos maus exemplos da miséria ou das fraquezas morais dos pais? E seria de facto difícil salvá-los?

Pensemos nestes problemas

(Continua na 5.a página)

TRIBUNA DE VIEIRA DO MINHO

Carta de Ruivães

Li, ontem, uma notícia dianada da América do Norte, que não deixou de causar certos engulhos á minha desactualizada e modesta inteligência. Dizia essa jocosa informação que o governo do Senhor Kenedy estava disposto a auxiliar os anti-castristas de Cuba, mas que não lhes consentiria uma invasão armada nos domínios do Senhor Fidel de Castro!

Se Cuba fosse um país que não tivesse arreganhado os dentes á Norte América; que a não tivesse provocado, que não tivesse facilitado á Rússia a construção de rampas, para o lançamento de foguetões que pudessem atingir, em pleno coração, o povo americano; ainda se compreenderia este gesto tão cordial do governo do Senhor Kenedy.

Mas depois de este político haver declarado guerra de morte ao sistema comunista

vai a juventude do nosso tempo construir um mundo novo. Não pela revolução; nem pelo exagero de processos; nem pelo recurso a forças ilícitas: vai construir um mundo novo na base da perene actualidade do Cristianismo. É a sua mensagem eterna que hoje, como ao longo dos tempos, vem proporcionar aos portugueses, sobretudo aos jovens, os meios de renovação no espírito de cada um e nas estruturas sociais, porque o Cristianismo, a Doutrina Social

da Igreja e o próprio Direito Natural impõem que essa renovação se dê tanto no campo espiritual como no material, de modo que pela vida do corpo o homem atinja seguro e forte a vida do espírito.

Embora a participação neste movimento esteja limitada qualitativa e quantitativamente, os seus efeitos destinam-se a todos os jovens católicos e não católicos. Preocupa-nos a ideia de colaborar com todos, para

(Continua na 5.a página)

Do Caminho Marítimo para a India até Angola,

o pranto heróico dos portugueses

Quem tenha lido os Lusiadas ter-se-á quedado na descrição que Camões faz da partida das naus de Vasco do Gama para a descoberta do Caminho Marítimo para a India, a que insígne poeta dedica boa atenção. Nela encontrará pormenori-

zada referência ao pranto que os expedicionários e suas famílias fizeram a ponto de serem encortadas diligências para que cessasse o motivo da exteriorização. Porém, ninguém desconhece da particular valentia e destemida heroicidade com que todos se houveram.

Em 1961, depois de um longo interregno em que as virtudes guerreiras não foram postas à prova, com o natural e humano amolecimento que sempre se verifica, o clarim voltou a tocar a reunir, desta vez por estar em perigo uma parcela do Ultramar, a maior e talvez a mais querida.

À ordem da Pátria os nossos soldados voltaram a marchar em direcção ao cais de embarque situado no mesmo Tejo de antanho. Novamente as mães, os pais, e as noivas, deixaram desfilar pelas faces as lágrimas do amor muito querido que

(Continua na 3.a página)

A TROMBA DE ÁGUA

trouxe prejuízos de mais de 60.000 contos

Em períodos cíclicos, habitualmente de três a quatro anos, a capital de Angola é vítima de chuvas torrenciais, verdadeiramente diluvianas — os conhecidos «tornados» tropicais, que varrem a costa de Norte para Sul e que, em geral, formados na embocadura do Zaire, raramente vão além da foz do Cuanza.

Estes dilúvios fulminantes têm uma característica peculiar — a curta duração. Em geral, são antecedidos de fortes rajadas de vento à aproximação das imponentes massas de nubes, e imediatamente seguidos de fortes bátegas de uma ou duas horas. Outras vezes o vento mantém-se com violência enquanto duram as bátegas.

Acontece, porém, de longe em longe, que estas tempestades tropicais, cuja prin-

cipal característica é, justamente, a sua veloz deslocação ao longo do litoral, de Norte para Sul, se «chocam» com outras formações tempestuosas que se deslocam em sentido inverso ou perpendicular, como se verifica geralmente ao longo das bacias inferiores dos grandes rios, como o Zaire e o Cuanza.

Sobretudo para o fim da tarde e durante a noite, as grandes trovoadas que se formam, durante a época pluvial, na bacia inferior do Cuanza, ou seja na famosa região da Quiçama, têm a tendência de se encaminharem para o Norte, chocando-se então com os «tornados» vindos daquela direcção.

Quando tal acontece, te-

(Continua na 4.a página)

Grande Encontro da Juventude

A concentração de Lisboa nos próximos dias 20 e 21

A juventude católica de Portugal inteiro estará em Lisboa, representada por milhares de rapazes e raparigas que aqui manifestarão publicamente a escolha total de Deus através de um conteúdo doutrinário apreendido e assumido. Deus passará a ocupar o primeiro lugar. Nas escolas, nos escritórios, nas oficinas, nos campos, a juventude propõe-se rejeitar o materialismo da vida, e adequar a sua mentalidade às realidades do tempo presente, na base da permanente actualidade dos princípios cristãos.

O encontro de Lisboa será muito mais do que um mero encontro de pessoas. Muito mais do que um desfile com arches, um jogo cénico num Estádio. Tudo isso é simplesmente uma arrancada. O compromisso que a juventude vai afirmar, reflectir-se-á no futuro. Pouco a pouco, através da actuação dos jovens em cada hora da sua vida, por toda a parte, o esforço de re-

novação vir-se-á concretizando, frutificando.

Tendo escolhido Deus, a Juventude promete trabalho fecundo e efectivo, para a construção de um Portugal melhor.

O GRANDE ENCONTRO DA JUVENTUDE

«OS NOVOS ESCOLHEM DEUS»

Vai a juventude do nosso tempo construir um mundo novo. Não pela revolução; nem pelo exagero de processos; nem pelo recurso a forças ilícitas: vai construir um mundo novo na base da perene actualidade do Cristianismo. É a sua mensagem eterna que hoje, como ao longo dos tempos, vem proporcionar aos portugueses, sobretudo aos jovens, os meios de renovação no espírito de cada um e nas estruturas sociais, porque o Cristianismo, a Doutrina Social

TRIBUNA FEMININA

A MULHER PERANTE A VIDA

Por MARIANA MORGADO

A «Mulher perante a Vida», parece paradoxo mas é, na realidade, a catástrofe total da mulher na sua essência, na plenitude total dos seus sentimentos e das suas reacções.

Sou uma «mulher perante a vida». Sou independente, sinto-me só na obrigatoriedade da minha missão e sei analisar a posição da mulher até daquela—estas são raras—que se entregam por amor e, por amor são dignas de serem mulheres.

Penso discutir esta posição com a realidade, mesmo que esta seja ferida ou revolta para muitas que não entendem esta posição por alheamento ou por nunca se terem encontrado em tal enquadramento.

Ser «Mulher perante a Vida», conservar-se mulher íntegra, com um julgamento próprio, e sentir-se tão pura como os seus próprios conceitos e, sobretudo, com a sua própria

consciência, é luta difícil, mas não impossível.

Reparam num problema fundamental que afecta a sociedade de hoje:

A mulher—rapariga—chega a determinada idade com pouca ou muita cultura, poucos ou muitos «canudos» de curso, quer ser independente ou necessita dessa independência, porque tem necessidade de ver e de ajudar a casa.

Com o decorrer do tempo, no escritório, na casa comercial, na fábrica, etc. etc., ou mesmo num encontro inesperado, ela encontra um rapaz de quem gosta.

Isto é vulgar.

Namorarem-se, é vulgaríssimo; casar é a lei natural.

Pois bem. Casaram.

Ela ganha mil ou mil e quinhentos escudos, ele ganha um ordenado equivalente. Os dois ordenados juntos perf-

zem uma totalidade que chega para suportar as despesas da casa.

Foi um dia feliz o dia do casamento, fizeram-se trinta mil projectos e tudo parece cor de rosa...

... Um andarsinho amoroso... os pais de ambos os lados contribuiram... cortinas e mobiliário gracioso... mercaria para um mês...

... Mas os meses decorrem, ela sente-se mãe, com todas as indisposições próprias do estado... ele procura os amigos no café e deixa-se sózinha, entregue aos trabalhos caseiros que são múltiplos e o tempo é escasso... sai às seis ou sete do escritório...

Continua na 4.a página

Conselhos

Use em sua casa, apenas tinta de escrever, lavável.

Tire a nódoa enquanto estiver fresca. A lavagem imediata pode resolver o assunto, se não se tratar de nódoas de ferrugem ou gordura.

Para tirar nódoas de cera, penha um papel mata-borrão em cima da nódoa e passe com o ferro quente.

CULINÁRIA

Sopa rica

Põe-se uma panela ao lume com água e sal; quando esta ferver deitam-se 125 gr. de presunto, igual peso de toucinho, 250 gr. de carne de vaca e igual peso de ossos de vitela.

(Todas estas carnes devem ser muito bem lavadas e escaldadas).

Deixa-se ferver até as carnes estarem quase defeitas. Coa-se o caldo pelo passador, põe-se novamente a panela ao lume e quando esta ferver, deita-se cenouras e batatas, partidas em cubosinhos, algumas ervilhas e uns baguinhos de arroz. Quando estiver tudo cozido serve-se bem quente.

Doce rápido

Põe-se um pão de ló pequeno dentro de uma taça funda. Rega-se com calda de compota de pêssego, aromatizada com baunilha.

Colocam-se por cima pedaços de pêssegos de compota, que se cobrem depois com um monte de nata fresca, levemente batiada com umas colheres de «Icing Sugar».

Enfeita-se por cima com colheradas de geleia de morango.

Conheça o carácter dos seus amigos ao apertar-lhes a mão

Se não apertar com energia a mão que lhe estendem, isso quererá dizer que é egoísta, concentrada e demonstra falta de sensibilidade.

Além disso é uma falta de educação, pois parece que é um favor, o seu cumprimento.

Se cumprimentar as amigas, estendendo-lhe apenas dois ou três dedos em vez da mão inteira, cordial e aberta, isso significa que é pretenciosa e pedante... Não são também muito sinceras as suas relações de amizade.

Se estende a mão a uma altura bastante elevada, o seu gesto indica um carácter exagerado, que aprecia a adulção. Só pensa em si própria e julga que é a pessoa predestinada para grandes cargos!

A mão caída, dá uma sensação de desalento e pode ser sinal de pouca saúde; demonstra também um carácter sem energia. Sem dúvida, é esta a forma de cumprimentar, das pessoas preguiçosas e pouco emotivas, que não se interessam por nada. Não são activas, na vida prática e poucas terão interesse em tê-las como amigas.

Se em vez de estender uma mão, estende as duas, o duplo aperto de mãos, demonstra uma sincera amizade, ser de natureza expansiva e ardente, viva e entusiasta. Para si a vida é atapetada, de alegrias sucessivas, das quais deseja aproveitar-se e o que é ainda melhor, deseja que as outras também as aproveitem.

Se o seu aperto de mão é franco e firme, sem sé-lo em demasia (o que demonstraria uma independência exagerada) é esse o aperto de mão ideal! As pessoas que cumprimentam assim, possuem um coração afeituoso, um carácter sempre igual, uma sinceridade a toda a prova. Terão êxito na vida, porque irão até ao fim dos seus empreendimentos e saberão escolher um género de vida interessante.

Sabem o que querem, possuem o sentido dos verdadeiros valores assim como o das responsabilidades. O seu segredo? Sabem e dão-se conta que a vida faz-se para ser vivida e que todos temos direito a sermos felizes.

LEIA E ASSINE O

Jornal Feminino



Dos arquivos do «Jornal Feminino» retiramos este modelo de boina, em crochê, que oferecemos às nossas leitoras.



TRIBUNA do CONSELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Desejo-vos uma Páscoa muito feliz e alegre no Senhor. Que a vossa alegria ao comemorar a ressureição de Jesus Cristo seja tão forte e sincera como a dos apóstolos e da mãe de Deus feito homem.

Festa do S. C. de Jesus

Desde a tarde do dia 7 do corrente está-se realizando em Lago a festa do S. C. de Jesus, a qual terminará com a visita e bênção pascal no dia 14.

Faz as conferências o Rev. Dr. Arieiro. No dia 11, é o Sagrado Lausperene, em Lago. Por ser a quinta feira Santa deverá a frequência ser maior.

Mordomia da Cruz

Em Lago há o costume de o mordomo da Cruz ser nomeado no 1.º de Janeiro, para entrar logo em serviço, no mesmo dia. Se há mordomos por devoção falam com o Pároco, muito tempo antes, e previnem-se com música, etc., a tempo e horas. Quando, porém, a nomeação é feita de harmonia com o livro dos usos e costumes o eleito não sabe da eleição. Ouvi apenas no próprio dia, se calhar de estar na igreja, a sua nomeação de mordomo. É uma surpresa, mas é mesmo assim o costume!

Pois eu julgo que essa nomeação, embora de surpresa, devia ser feita logo a seguir à Páscoa de cada ano para o mordomo servir no ano seguinte.

Batatas a 5\$00 o quilo

Pois é verdade! Duas testemunhas garantiram-me que viram vender batatas novas a 5\$00 o quilo. Informaram ainda que as ditas teriam o volume de bugalhos miúdos. Das velhas estão a vender-se a 2\$60 o quilo. Vamos ver se na próxima colheita virão para \$80!...

As batatas gostam muito de azeite. Estando aquelas tão caras parece que este não devia subir de preço... Mas não! Há meses certo amigo disse-me ter com-

prado um almude de azeite a 18\$00, o litro. Afinal é também este o preço que levam alguns comerciantes. Não digo que são todos, porque tenho-o comprado a 16\$00, e é do extra. Julgo que isto não acontecerá pelos meus lindos olhos, pois que compro o que quero e não peço por favor. Contudo aquele lavrador de que vos falei, não sei se vos recordais, dizia-me que o azeite dele não servia para mim, por ser, este ano, demasiado ácido. Evidente-vos estar convencido de que a referida acidez estava nos escudos e não no azeite. Afinal tive agora a prova de estar na razão pois que o dito Senhor me veio oferecer azeite a 250\$00 o cântaro. Ao litro ficaria a 20\$83, mais ou menos. Esta é, de facto, a principal acidez, a que me levou a não querer azeite nenhum. Verifiquei pelo cheiro que o referido azeite é bastante bom. O pior, para mim, é a acidez dos escudos...

Hoje não tenho tempo de vos escrever mais.

Vosso: J. Moreira

TRIBUNAL DA COMARCA DE AMARES ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na acção especial de arbitramento, para divisão de coisa comum pendente na Secção de Processos, movida pelos autores Albertina Rodrigues e marido Avelino da Silva Azevedo, proprietários, de Rendufe, desta comarca, contra JOÃO ANTÓNIO DA ROCHA, casado, lavrador, ausente em parte incerta de França e com última residência conhecida no lugar de Passos, freguesia de Barreiros, é o referido réu CITADO para contestar no prazo de DEZ dias, que começa a correr depois de finda a dilacão de TRINTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que os autores deduzem naquele processo e que consiste em se proceder à adjudicação ou à venda do imóvel objecto da acção, seguindo-se o determinado no art.º 1.060 do Cod. Proc. Civil.

Amares, 30 de Março de 1963.

O Escrivão,
a) Vitor Manuel Lopes Afonso
VERIFIQUEI
O Juiz de Direito,
(a) Fernando Adelino Fabião,

O Problema número UM

Ainda há pouco levantámos o problema — e já boje voltamos ao mesmo. É que o ministro da Justiça, ao discursar recentemente na Figueira da Foz, numa reunião de presidentes de Municípios, pôs a questão com o mesmo sentimento de alarme que tem sido o nosso.

Uma pátria não é apenas um conjunto de realidades e de interesses materiais. É principalmente uma consciência colectiva, uma realidade espiritual. Liga-se esta a um conjunto de valores históricos,

2.ª Publicação TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

No próximo dia 24 de Abril, pelas 10 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e em virtude do ordenado nos autos de Execução Sumária que António Antunes Braga, solteiro, maior, lavrador, do lugar da Igreja, freguesia de Portela, Amares, move contra Domingos de Azevedo e mulher Maria Alves Martins, ele comerciante e ela doméstica, residentes actualmente na Rua do Doctor Alfredo Garcia Magalhães, número cento e setenta e cinco, da cidade do Porto, vai-se proceder á arrematação em hasta pública, em primeira praça, pelo maior lance oferecido acima dos valores que vão indicados, dos seguintes prédios penhorados áqueles executados:

PRIMEIRO — Casas e Campo do Eido, no lugar de Mouriz, freguesia de Pico, São Paio, inscrito na matriz urbana sob o artigo 219 e na rústica sob o artigo 597, descrito na Conservatória do Registo Predial de Vila Verde, sob o número 44.848, a fls. 41 verso, do Livro B-114, que vai á praça por 78.948\$00;

SEGUNDO — Seis barracões de madeira, no lugar de Mouriz, da mesma freguesia, inscritos na matriz urbana sob o artigo 105 e descritos na Conservatória sob o número 44.850, a fls. 42 verso do Livro B-114, que vão á praça por 4.536\$00.

Vila Verde, 1 de Abril de 1963

O Juiz de Direito,
a) — Manuel Augusto Gama Prazeres
O escrivão da 1.ª Secção,
a) — Manuel Augusto Monteiro da Silva

sentido de comunidade e amor do passado, a um sentido de solidariedade no presente, a um sentido comum de vocação e destino. Depois disto é que vêm os valores materiais, que são muito respeitáveis, que são a condição imprescindível de manutenção do resto — mas não são tudo. Certamente que a recuperação económica é uma necessidade urgentíssima da vida e da sustentação da comunidade portuguesa. Mas, para isso, é forçoso que exista a comunidade portuguesa, ou portugueses dentro de uma comunidade. O nosso exército, a nossa marinha, a nossa aviação precisam de meios materiais e de um trabalho constante de actualização técnica e de organização. Mas não serão nada se não tiverem soldados que sejam soldados por dentro, se não tiverem marinheiros com almas de marinheiros, se não tiverem aviadores com o espírito da cavalaria do nosso tempo, que é a cavalaria do ar. Não teremos portugueses, em qualquer sector da vida nacional, no ensino, na administração, no industria, na lavaoura, em nenhuma das actividades públicas e particulares, se não transmitirmos à juventude, acima de tudo, uma alma.

Temos rezão de queixa? É preciso reconhecer isto: quem nos últimos anos tem dado em Portugal algumas das melhores provas de integração consciente no espírito da comunidade têm sido os jovens. Foi o jovem Maciel Chaves quem morreu em Goa, porque não transfigurou com ladrões. Era um antigo graduado da Mocidade Portuguesa. Foi o jovem Nascimento e Costa quem não tremeu, ainda que desarmado, contra as armas que lhe apontavam. E quando se voltava, para ir prevenir o comandante, assassinaram-no pelas costas. Era um antigo filiado da Mocidade Portuguesa. Foi um jovem, o alferes Ferreira de Almeida, quem se deixou seguir, por engano dos serviços, para a Guiné e aí teimou em manter-se, até que, exausto de trabalho, de fadiga, de dedicação ao cumprimento do seu dever, encontrou a morte num desastre de «jeep». Foi um jovem, o tenente Santiago de Carvalho, quem escreveu nas suas últimas cartas à mãe e ao irmão, e com a sua morte, uma das mais belas páginas do nosso tempo. Foi um jovem, o tenente da Marinha Oliveira e Carmo, que podemos pôr na galeria dos grandes da História de Portugal, ao lado de um Martim Moniz, ou de um Decepado. Foi um jovem, o alferes que morreu acolá agarrado a uma metralhadora. Foi um jovem

(Continua na 4.ª página)

DO CAMINHO MARÍTIMO PARA A

India até Angola

o pranto heróico dos Portugueses

(Continuação da 1.ª página)

é timbre da nossa gente. Ninguém desconhece, também, que os soldados de hoje se houveram, no tocante a heroísmo, com a mesma grandeza e valentia dos de antanho.

Hoje, portanto, como em 1500, somos os mesmos no sentimento e no amor pátria. Se não foi por acaso, mas só por merecimento, que fomos do Douro à costa algarvia, levando na nossa frente o mouro infiel, igualmente o não é que enquanto todos abandonaram as suas possessões, nós lá continuamos nas nossas. Se não foi por sorte que fomos do Tejo ao Japão, descobrindo toda a costa de três

continentes, também não é por ela que expulsamos os que em Angola nos afrontaram e arvoramos a nossa bandeira nos pontos mais recônditos.

Tudo devemos, essa é que é a verdade, ao sentimento do amor à Pátria e ao espírito de sacrifício e valor do nosso soldado, que só é simples e modesto na véspera, mas no dia do ajuste se torna a fera indomável que criou o mais insigné historial do mundo.

Pranto, saudade, sentimento, de tudo temos e não encobrimos na despedida. Mas isso só significa que vamos para combater, que se não viermos com a vitória, não voltamos.

Talião

O Problema número UM

Continuação da 3.ª página

o que saltou para o meio do perigo, e aí atingido, para salvar o soldado em risco de morte. Quantos, quantos exemplos de jovens à altura das suas responsabilidades e dos seus deveres. Jovens de todas as classes sociais, de todos os níveis de educação. Eu estive em S. Salvador do Congo, no cemitério dos nossos soldados. Não são muitas as sepulturas, graças a Deus, mas são todas de jovens que souberam morrer, com a mesma coragem, com a mesma espontaneidade de entrega, com o mesmo desportivismo que eu encontrei nos vivos que partiam para os mistérios da floresta.

Então, não temos razão de queixa? Ora bem: a juventude que aí está a bater-se é ainda, em grande parte, fruto de um esforço de educação parcial, realizado nos momentos mais difíceis. Refiro-me especialmente a alguns aspectos positivos que teve, em determinada altura, um ou outro sector educativo. Mas, depois, sucedeu isto: o enriquecimento material do país, pelo saneamento financeiro, pela aceleração do progresso económico, pela abertura de novas actividades e novas fontes de riqueza, fez esquecer a muitos que o principal não eram as estradas, nem as fábricas, nem os navios, nem as electricidades, porque tudo isto seria para a Nação menos do que zero, senão houvesse uma juventude capaz de continuar a Nação.

Cuidou-se — ao menos na visão deformada de muitos — que a educação era um problema exclusivamente técnico. E não é. A educação tem objectivos de moral, em relação aos quais a técnica é apenas servidora. E quem diz a educação, diz a informação, que é ainda, em grande parte, um sector da educação. Caminhou-se deste modo, insensivelmente, para uma espécie de inversão de valores, o técnico sobrepujou-se ao político, os meios de acção sobrepuham-se ao espírito.

Por outro lado, o mesmo enriquecimento material — enriquecimento que se comprova pelo simples facto de, em trinta anos, só aqui na Metrópole, termos subido de seis para nove milhões e não vivermos pior — o mesmo enriquecimento material, diziamos, cavou entre os jovens barreiras de classes de origem estritamente capitalista. Há hoje, entre nós em gestação, uma classe de meninos privilegiados única e exclusivamente pela força do dinheiro. É um mal. Nas sociedades de tipo tradicionalista esse mal é corrigido nas próprias casas reais, onde os príncipes são mandados frequentar as escolas do povo, as escolas de toda a gente. Nos países de tipo socialista, o problema põe-se também, mas aí os dados são um tanto diferentes: põe-se entre os filhos da classe dirigente, dos magna-

tes do partido e dos administradores das indústrias, e os filhos do povo, e também aí, ao que parece, procuram dar-lhe remédio. Nesse aspecto, nós estamos em pleno liberalismo. Cremos que não seria difícil encontrar a solução portuguesa; e esta deveria ser, conforme a nossa maneira e até conforme a necessidade de correção dos nossos defeitos, basilarramente democrática. Democrática, bem entendido, no sentido de igualdade, de convívio, de liberdade de preconceitos. Poderia faxé-lo uma organização como a «Mocidade Portuguesa», com possibilidades e com espírito amplamente e profundamente formativo.

O quer que haja a fazer é urgente. Não podemos perder tempo, quando se trata da educação cívica dos portugueses e, mais, dos futuros dirigentes da Nação.

O ministro da Justiça apontou a situação e não hesitou em revelar algumas origens do mal:

«Não nos compete a nós, como é evidente, diagnosticar as origens da crise a que nas

escolas superiores temos assistido. Mas há um aspecto fundamental que, como professor e até como pai, me não abstendo de pôr em relevo.

«É o abandono, quase completo, a que todos temos votado na formação cívica e política da juventude, principalmente dos rapazes universitários que desejem ser esclarecidos.

«A própria organização da Mocidade Portuguesa creio ter gasto na simples educação física ou nas práticas desportivas muitas energias que, com maior proveito para a Nação, poderiam ter sido utilizadas na educação cívica e na formação política dos seus filiados.

«São outros como todos sabem, os termos em que trabalham os dirigentes comunistas.

Isto basta para se entender o necessário. É agora?

Cremos estar a cumprir o nosso dever de críticos, quando apreciamos os factos, apontamos os defeitos, insistimos nas causas do mal. O resto — não é com os críticos. Dá-se aqui o mesmo do que no juízo das obras de arte. O resto — não é com os críticos. É com os artistas. — ANI

A MULHER PERANTE A VIDA

(Continuação da 2.ª página)

Os colegas começam a notar que ela está pálida, emagrecida. Isto num dia... outro dia. Todos notam a nuvem de tristeza e desilusão que a vai tomado toda, só o marido é que nada vê e, como nada vê, nada diz.

A atenção de determinado chefe ou colega começa a ser atenção total na vida daquela vida. De inicio ela quer alhear-se a essa força, mas acaba por deixar-se amarrar por semelhante cordel. Aqui é que está a catástrofe, a ruína dum lar.

O inevitável dá-se. Foi amor?... foi desejo?... Nem uma coisa nem outra. Foi ânsia de carinho, de protecção que levou aquela mulher a tropeçar e, quando acorda, já tropeçou, nada há a fazer. A coisa sucedeu naturalmente, mercê da força das circunstâncias. Depois surgem outros fracassos e ela tenta libertar-se das ondas que fazem redomoíño, tentam afoga-la... E se perde o emprego? Às vezes, por vingança, até isso sucede...

Isto é que se pode chamar ruína total, originada pela liberdade e exigência da vida actual. Muitas não querem ouvir esta verdade, ou porque estão metidas nela ou porque a não conhecem e, portanto

não a admitem.

Na actualidade mistura-se tudo; amor... exigências... necessidades... etc., são misturas a mais.

Saber destrinçar é uma ciência, não de escola, nem de universidade. A auscultação é necessária, a auscultação a nós próprias, a auscultação aos factores sociais, a auscultação deste e daquele caso que conhecemos, julgando os prós e os contras. Este é que é um curso em que poucas na actualidade estão formadas.

Sou mulher, muito mulher mesmo não sei o significado dos espectáculos de «Streep-Tease», tanto que ainda outro dia perguntei o que queria dizer... mas o que sei é julgar os outros e o momento actual que tão difícil é para a mulher que, dentros do lar, constrói e edifica a família e não anda com tantos olhos à espreita a seguir-lhe o contorno das ancas e a atracção do olhar.

Parece que isto constitui um problema da época. Faço duas perguntas que as leitoras poderão responder:

— Será problema da época por necessidade ou por comodidade?

— Será um problema da época ou da parca mentalidade, vítima da evolução da sociedade?

Visado pela C. de Censura

A TROMBA DE ÁGU

trouxe prejuízos de mais de 60.000 contos

(Continuação na 1.ª página)

mos chuvas diluvianas e trovoadas temerosas, prolongando-se a tormenta, algumas vezes, por longas horas. E foi isto o que mais uma vez aconteceu na noite de sábado para domingo último.

Os aspectos dramáticos desse temporal, já os leitores os conhecem através dos telegramas da ANI — o primeiro dos quais enviado em condições particularmente difíceis e que testemunham a preocupação de eficiência e oportunidade da informação.

Com efeito, uma das consequências desse violento temporal foi o rompimento dos cabos de ligação da estação urbana da Marconi aos emissários situados no alto do Cuaco, a uma dezena de quilómetros da cidade.

A primeira mensagem saída de Luanda no domingo, relatando as consequências do temporal, foi a da ANI, levada da cidade à estação emissora através de uma dezena de quilómetros da estrada danificada, utilizando afalhos e desvios precários, e transmitida por fonia, dado que os emissários de grafia estavam bloqueados.

Além disso, o próprio correspondente da ANI foi uma das várias pessoas que, horas antes, na maior violência das enxurradas, correu risco de vida, vendo-se envolvido e arrastado pela torrente, de que escapou mila-

grossamente com vários ferimentos e contusões, além de toda uma noite passada em claro. Mas o dever de informação sobrepuja-se tudo — e permite-se-nos imodéstia de assinalar facto, que se refere apenas para certificar que a ANI procura servir sempre com maior eficiência, em todas as emergências, sem hesitação de qualquer dificuldade.

Quanto às estimativas dos prejuízos, que demos na comunicação inicial, há lugar para rectificações — assim depois de uma observação directa mais cuidada e mais extensa, os prejuízos sofridos pelo comércio, indústria e propriedades particulares podem agora avaliar-se em cerca de 10.000 contos; os prejuízos em viaturas destruídas, gravemente danificadas ou com avarias importantes devem elevar-se uns 3.000 contos. Quanto aos prejuízos de carácter público, do domínio camarário, em pavimentos, rede de esgoto, de água e de luz e outros — não será exagerado calculá-los em cerca de 50.000 contos.

Mesmo tomando em conta a imponente concentração de meios mecânicos postos ao serviço da cidade — destacando-se sobretudo os Serviços Militares — serão necessários pelo menos dois meses para que Luanda retome a sua fisionomia normal, segundo declarações autorizadas. E isto diz tudo.

BOLETIM DE ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da obra «LENDAS DE PORTUGAL», enviando-me:

- * Um fascículo por mês, ao preço de VINTE ESCUDOS
- * Dois fascículos por mês, ao preço de TRINTA E SETE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS
- * Séries de seis fascículos, ao preço de CENTO E DEZ ESCUDOS
- * Séries de doze fascículos, ao preço de DUZENTOS E VINTE ESCUDOS.

(Riscar o que não interessar)

Nome _____

Morada _____

(Escrever de forma bem legível)



FUNDADA EM 1835

**COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO,
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva
Largo D. Gualdim Pais

AMARES

S. Paio de Seramil

(CONTINUAÇÃO)

e para todas do Arcebispado, com ordem aos Rev. dos párocos para copiarem esta no livro competente e a publicarem a seus fregueses à estação da Missa conventual. Braga, vinte de Setembro de 1820. Com a rubrica de Sua Ex. a Rev. ma E depois de lido o sobredito Auto e Portaria foi por todos assinada com Sua Ex. a Rev. ma, e eu Custodio Luís de Araújo, secretário da Camara Iclesiastica o sobrescrevi.— Frei Miguel, arcebispo primás—Dom Antonio Alexandre da Cunha, deão—Manuel Ramos de Sá, chantre—o Mestre-escola Teotonio de Magalhães e Meneses—Manuel Inacio de Matos Sousa Cardoso, tesoureiro-mór—Luis da Costa Lobo—Doutor Gaspar do Couto Ribeiro de Abreu—Bento José da Silva Camisão—Joaquim Jose Teles de Oliveira e Silva—Antonio de Sá—João Correia Botelho—Jose Teodoro de Araujo Leão—José Maria de Melo—Jose Joaquim de Araujo Figueiredo—Joaquim da Mota—Dom Antonio de Amaral Castelo Branco Noronha—José Joaquim da Cruz Moura—João José Vaz Pereira, provisor do Arcebispado—Manuel José Leite Pereira, vigario geral—João Mário da Costa Pereira—Jose Antonio Hanriques de Moura—Antonio Bernardo da Fonseca Monis—José Pereira de Azevedo—João Ribeiro Pereira abade de São João do Souto—Manuel da Cunha, vigário da Sé primaz—Antonio José da Silva, abade de Masarefes—Tomás José de Carvalho, prior de São Victor—João Alvares de Araujo, vigario de Sant'íago da Cividade—Gaspar João Domingues da Costa, vigario de S. José de S. Lasaro—Manuel José Antunes de Carvalho e Santos—Antonio Luís da Cunha Peixoto e Campos—Antonio José dos Santos, abade de Santa Cruz do Lima—José Pereira Guedes, arcipreste de Viana—Manuel Joaquim Ferreira de Carvalho, abade de Mós—Frei Lopo Antonio da Graca Barros, reitor de Vilarandinho—João Antonio Pereira Antas, abade de Estorões—O vice-reitor João Ferreira Magalhães—O reitor José Antonio Barbosa de Araujo—o Padre Francisco Martins e Carvalho—o Padre Miguel Antonio Fernandes, capelão de Santa Teresa—o capelão dos Orfãos, Antonio José Domingues Machado—o Padre Manuel José Gonçalves, capelão da Conceição—o capelão do Colégio, Manuel Antonio de Oliveira—o capelão do Salvador, Henrique Jose Carneiro—Joaquim José da Costa Lobo—o capelão dos Remédios, Manuel José Gomes—o capelão João Manuel da Silva Machado—João Evaristo Dias da Costa, secretario de Sua Ex. a Rev. ma—João José da Cunha Tavares Cirne, capelão de S. Ex. a Rev. ma—o abade capelão Miguel Antonio da Silva Portugal—João Rodrigues Ferreira, capelão de Santa Cruz—José Bernardino Pereira Freitas, tercenario—familiar de Sua Ex. a Rev. ma—Miguel Antonio da Mota, capelão de Santo Antonio—João Alvares, capelão de S. Domingos—E não continha mais o dito Auto, portaria e assinaturas, etc.».

Tem esta notícia a vantagem de dar a conhecer os nomes da alta hierarquia eclesiástica de Braga, no perodo a que se refere, como também de mostrar como as mesmas solenidades históricas se comunicavam de alto a baixo, desde as secretarias de Estado até ao fundo das mais modestas aldeias, registrando-se em seus arquivos como crónicas e mais de uma época remexida pelos alvures da Revolução liberal, de que estas mesmas notícias já deixam transparecer a efervescência.

* * *

Verifica-se o assento de nova visita a esta freguesia, aos 14 de Julho de 1824, feita pelo cônego José Antonio Berardo da Silva Sousa Gorjão.

Além das costumadas cerimónias, apenas recomendou ao abade José Alvares que cumprisse e fizesse cumprir os capítulos das visitas passadas que não estivessem revogados, nem o fossem por ele nesta.

Depois, e de mistura com muitas exortações do arcebisp D. Frei Miguel, as quais deixam antever a precipitação para o desassossego geral e guerra civil que culminaram esta época, vem o traslado da Ordem para o jubileu do Ano Santo, publicado em 28 de Junho de 1826, o qual duraria pelo tempo de seis meses.

Foram designadas, para visitas na cidade de Braga, quatro igrejas—a Sé primacial, a igreja da Congregação do Oratório, a igreja do convento do Carmo, e a do convento do Pópulo.

Nas vilas mais notáveis, onde houvesse quatro igrejas, assim ficavam designadas; onde houvese mais, os párocos de comum acordo combinariam as que fossem mais cômadas para as visitas, ou recorreriam ao Desembargador-provisor ou ao vigário geral para estes as designar.

Quanto aos mais lugares e freguesias, onde não houvesse tal número de igrejas, concedida faculdade de

(Continua no próximo número)

Carta de Ruivães

(Continuação da 1.a página)

haviam instalado, mal se consegue tão penhorante atenção...

A não ser que o Senhor Krutschof tivesse ameaçado o Senhor Kenedy de lhe pregar com o sapato na cara.

Só assim se explica tão súbita reviravolta.

Se o Senhor Kenedy pretende estrangular o sistema político de Cuba, e se não está a fazer, encapotadamente, o jogo do seu Chefe governamental, não é com panos quentes que atinge os seus objectivos.

Quem o seu inimigo poupa ás mãos lhe morre.

Passando, neste momento, os olhos pelo «Primeiro de Janeiro» do dia 7, acabo de ler um telegrama de Paris em que se dá conta de uma possível ligação directa Washington-Moscovo. Não me surpreendeu.

É a resposta, á letra, á precipitada atitude do Senhor General De Gaulle.

O que espera a já crítica situação dos ocidentais?

Lançados estes á maré, pela América do Norte, não custa a crer que esta dívida entre si e a Rússia as tão desejadas esferas de influência no mundo em crise. E af continua a malfada humanidade a sofrer as prepotências dos grandes, sem um vislumbre de desanuviamento da arfixante tensão que a entorpece!

Amadeu César

O Lar, a Escola Primária e a Higiene

(Continuação da 1.a página)

e consideremos que os primeiros anos da vida da criança são os mais importantes, para toda a sua existência, e deles depende, muitas vezes, a sua própria felicidade.

E é por isso que a influência do lar e da escola primária é de suma importância na formação da sua personalidade, que depois se há-se desenvolver, pela vida fora, sobre esses alicerces primários.

Portanto, a formação higiénica e profilática do cidadão deve começar no lar, com o exemplo da mãe e da pai, e continuar na escola, graças à nossa clarividência do professor primário, verdadeiro herói nacional e benfeitor da humanidade.

O Grande encontro da Juventude

(Continuação da 1.a página)

que unidos possamos construir o País que a cultura e o progresso exigem. A todos unirá a convicção de trabalhar para a edificação de um mundo, onde o homem possa, com dignidade, existir integralmente.

Uma voz Portuguesa

emudeceu

porém; me perdoarão que, na hora triste em que se cala «a voz de ouro dos portugueses da Califórnia», eu tenha uma palavra de muito particular carinho para os «Castelos Românticos».

De mais a mais, não é voluntariamente, não é por decisão espontânea sua que Celeste Ávila emudece; fá-lo, porque nessa república que ao mundo se apresenta como o país livre por excelência e verdadeiro paradigma da democracia os emissores de Rádio, obedecendo não sei a que misteriosas pressões, vão, um a um, fechando as suas portas aos programas em quaisquer idiomas que não sejam o inglês.

Já isso mesmo ocorrera a outros programas portugueses, noutras emissoras. Acaba, agora, de suceder a este programa, no emissor de KRE de Oakland. E um dia virá, naturalmente, em que desapareça do ar, nos Estados Unidos, o último programa radiofónico em português, a última voz que fale em português aos portugueses da América do Norte.

Nesse dia, então, e por maiores que sejam os esforços louvavelmente desenvolvidos em sentido contrário por alguns sacerdotes e pelos poucos jornais portugueses que nos estados Unidos ainda se publicam —um diário em Nova Bedford, dois semanários na área de Nova York, dois outros na Califórnia—a colónia portuguesa começará, irremediavelmente, a desagregar-se, a dispersar-se a americanizar-se de vez, a cortar os últimos laços com as «santas terrinhas», a só falar e a só pensar em inglês, até que desapareça de todo, a menos que injecções maciças de sangue novo —como foi, por exemplo, a chegada dos faialenses fugidos às devastações do vulcão dos Capelinhos—não venham reanimá-la por alguns anos mais.

Condições de Assinatura

Continente

Ano	50\$00
Semestre	25\$00

Ilhas

Avião—ano	50\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Brasil

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Estrangeiro

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Visado pela Censura

Tribuna Desportiva

O Factor Psicológico

Dois elementos são habitualmente esquecidos quando se fala, do trabalho de uma equipa de futebol: o massagista e o treinador. Sabemos, no entanto, que das mãos de um e do valor psicológico — mais ainda que da bagagem científica — do outro dependem frequentemente os êxitos de uma turma.

Bella Gutman, o «avô» do Benfica, é um exemplo frizante da influência do treinador. Manuel Marques, do Sporting, o «homem das mãos mágicas» (até os médicos o chamam a colaborar nos casos de mais difícil solução) é o outro exemplo a citar.

E a verdade é que qualquer dos dois sabe usar o factor psicológico para conseguir os seus resultados. Manuel Marques tem garantido a lesionados que determinado movimento é possível — e o movimento, científicamente impossível, acaba por ser feito pelo doente. O idoso treinador húngaro prepara igualmente os seus jogadores para o momento em que algo mais do que os seus músculos será chamado a intervir.

Num dos encontros mais difíceis do Benfica para a Taça dos Campeões da última temporada, disputado em Londres contra os Tottenham Hotspurs — equipa que se encontrava então numa tal «forma» que levava a reinar o desafio disputado no seu estádio — Gutman deu sucessivamente, em poucos dias, quatro exemplos da sua argúcia, primeiro ferindo os ingleses com os dois primeiros «casos», depois conciliando o aplauso da crítica.

Logo que chegou a Londres, manifestou as suas dúvidas sobre a idoneidade de um árbitro — e o escândalo rebentou. A verdade, porém, é que esse mesmo árbitro, que se sabia observado cuidadosamente devido às afirmações do treinador do Benfica, dirigiu o encontro com a maior atenção e acabou por ser louvado pelo próprio Gutman. Por outro lado, os jogadores ingleses tiveram de moderar a sua «impetuosa-de».

Depois foi a acusação de que estava a ser propositadamente prejudicado o piso do estádio com regas sucessivas. A acusação jamais ficou apurada. A verdade, porém, é que o novo «caso» perturbou os dirigentes e os próprios jogadores do clube inglês, os primeiros obrigados a desmentir publicamente que se regassem o campo, os segundos abalados, porque público e Imprensa mostravam querer retirar-lhes a confiança em que até ali os envolviam.

Momentos antes de começar o jogo, mestre Gutman dava mais uma prova do seu espírito de observação: um dos grandes trunfos psicológicos dos Hotspurs era, de há muito, a

impressão provocada sobre as equipas visitantes pelo «rugido» do seu público. O estádio é pequeno, com os espectadores praticamente «em cima» do relvado — e esses espectadores são ruidosos e entusiásticos.

Para contrariar a impressão que sobre os seus jogadores poderia causar o tal «rugido», Gutman ordenou, poucos minutos antes da hora marcada, a entrada da equipa do Benfica em campo. O público manifestou-se ao ver as camisolas encarnadas dos portugueses — e ouviu-se o «rugido», realmente impressionante, a tal ponto que alguns dos jogadores do Benfica pararam...

Minutos depois, porém, quando se deu a entrada «oficial» da equipa no relvado, os benfiquistas foram recebidos com algazarra igual — mas já o barulho não era novidade e começaram a jogar calmos e descontraídos.

Finalmente, logo aos primeiros minutos do jogo, o Benfica começou a fazer o que menos se poderia esperar: a atacar em massa, como se estivesse no seu terreno e não em «caça» de um adversário que afirmara ir ganhar-lhe folgadamente. Esse período inicial do Benfica serviu para desnortear a equipa inglesa, que só viria a recompor-se do choque mais tarde, quando realmente lhe foi possível aplicar a tática de ataque que trazia estudada.

Neste momento, em Lisboa, há dois casos a demonstrarem o poder psicológico do treinador. Não se revestiram ainda de episódios sensacionais, mas estão a pesar decisivamente na marcha de duas equipas. Primeiro, o caso de Fernando Vaz, que regressou ao Belenenses quando a equipa se encontrava no terço final da tabela da classificação e já a levou até o quarto lugar, para a companhia dos «três grandes». Seguiu o técnico português que a equipa disputasse sucessivamente oito encontros sem uma derrota — e entre esses jogos figurou o que o opôs ao Sporting. Par outro lado, volta a falar-se do melhor jogador do passado, o «europeu» José Travacos. Ao fim de uma semana de actividade, como orientador da equipa de juniores do Sporting, os seus pupilos deslocaram-se a Setúbal e derrotaram folgadamente, por 5-1, a equipa do Vitória local, considerada um dos melhores conjuntos de juniores actualmente em actividade.

Este regresso de José Travacos às lides do futebol não foi inesperado: há já mais de um ano que o «Zé da Europa» está a dirigir, no seu clube, as equipas de infantis, esses viveiros em que se escolhem os elementos que virão a servir o clube. De todo o modo, o seu novo cargo de treinador dos

O BENFICA

consolidou a sua posição de líder no «Nacional» de Futebol da Primeira Divisão

A classificação do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão não se alterou, sensivelmente, com os encontros da vigésima terceira jornada.

O BENFICA consolidou o seu lugar de líder do torneio e o Atlético, ao deslocar-se ao Porto, não logrou modificar a sua situação de penúltimo. O SPORTING, que empatou em Olhão, esteve quase a ser derrotado pelo clube local.

Os resultados alcançados foram os seguintes:

BENFICA-Guimarães, 6-2; F. C. Porto-Atlético, 5-0; Olhanense-Sporting, 1-1; Belenenses-Lusitano, 1-0; Setúbal-Leixões, 3-3; CUF-Feirense, 4-0; Académica-Barreirense, 8-0.

A classificação geral, depois desta jornada, ficou ordenada como se segue:

	Pontos
BENFICA,	42
Porto,	39
Sporting,	34
Belenenses,	31
Leixões,	25
Guimarães,	24
Lusitano,	22
Olhanense,	19
Setúbal,	18
Académica,	18
CUF,	17
Barreirense,	14
Atlético,	12
Feirense,	7

Não houve, igualmente, modificações nos líderes da segunda divisão: o Varzim e o Seixal.

Nos jogos efectuados, a contar para a vigésima segunda jornada do campeonato, os resultados foram os seguintes:

ZONA NORTE:

Covilhã-Salgueiros, 6-0; Leça-Oliveirense, 2-0; Sanjoanense-Beira Mar, 3-0; Braga-Varzim, 3-1; Académico de Viseu-Espinho, 1-0; Boavista-Castelo Branco, 3-1; Marinhense-Vianense, 2-1.

ZONA SUL:

Oriental-Portalegrense, 3-1; Torriense-Montijo, 3-2; Sacavenense-Peniche, 2-0; Alhandra-Silves, 4-1; Lusitano de Vila Real-Cova da Piedade, 1-2; Portimonense-Luso, 2-1; Seixal-Farense, 5-2.

As classificações gerais são agora as seguintes:

Zona Norte:	Pontos
Varzim,	36
Covilhã,	33
Braga,	32
Beira Mar,	29
Oliveirense,	29
Leça,	24
Marinhense,	22
Sanjoanense,	19
Espinho,	18
Boavista,	18
Castelo Branco,	17
Salgueiros,	16
Vianense,	14
Académica de Viseu,	13

la presença constantes dos hoquistas portugueses no meio campo marroquino.

Provas de preparação dos ciclistas

Na primeira de uma série de provas de preparação da presente época, disputada entre o Campo Grande e o Bairro da Encarnação, tomaram parte 24 corredores de ciclismo estando representados o Benfica, o Sporting e o Águia de Alpiarça.

Apesar da chuva, a maioria dos ciclistas registou bons tempos.

Saiu vencedor JOÃO ROQUE, do Sporting, seguido de Lima Fernandes, do Alpiarça e de Florêncio Silva, do Benfica.

O Sporting isolou-se nas «reservas»

Nos dois encontros da penúltima jornada da segunda fase do torneio de futebol regional de reservas, para a disputa da taça «Pedro Del Negro», o Sporting venceu o Benfica por 3-2, e o Oriental derrotou por 4-0 o Torriense.

O Sporting isolou-se no comando da classificação, seguido pelo Benfica, com dois pontos de diferença.

Portugal no terceiro lugar na Taça Latina de Andebol

Terminou o torneio da Taça Latina de Andebol de Sela, saindo vencedora a equipa de Espanha, que, no jogo decisivo para a conquista do troféu, bateu a da França por 16-1, com um empate a seis bolas ao fim do primeiro tempo.

No outro encontro da jornada, Portugal venceu o Marrocos por 19-8, com 6-5 ao intervalo.

A classificação final ficou assim ordenada:

Espanha, 6 pontos; França, 4; Portugal, 2; Marrocos, 0.

A França, no conjunto das quatro edições da prova, conquistou três títulos e a Espanha um.

Todos os países da América do Sul, a Argélia e a Tunísia poderão tomar parte na Taça Latina de Andebol. Sete, segundo decidiu a missão Directora da Taça.

Taça de futebol da Madeira

Na segunda jornada da Taça de Futebol da Madeira, registaram-se resultados sensacionais, um pelos números, outro pela derrota dos favoritos: Sporting-Nacional, Marítimo-União, 1-0.